

ENTREVISTA COM CARILISSA DALL'ALBA: “O QUE NOS SALVA É MINORIA (...) O ASSISTENCIALISMO ESTÁ VOLTANDO COM TODA FORÇA”

Elissandra Lourenço Perse

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Phellipe Marcel da Silva Esteves

Universidade Federal Fluminense, UFF, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Carilissa Dall'Alba é professora assistente de Libras do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) desde 2014 e doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), sob orientação da professora doutora Marianne Rossi Stumpf. Graduada em Letras – Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina (2010) e mestra em Educação pela UFSM (2013). Trabalha como pesquisadora e ativista principalmente nas áreas de Cultura Surda e Visual e Educação Especial para surdos. Surda, tem importante papel na militância, sobretudo ligada à acessibilidade da pessoa surda no cinema, liderando no Sul do Brasil o movimento “Legenda para Quem Não Ouve, Mas Se Emociona!”, criado por Marcelo Pedrosa em 2004 em Recife. Atua também nas causas do feminismo em relação à mulher surda e aos surdos LGBTTS, utilizando as redes sociais, como seu canal no Youtube, bem como milita pela educação para surdos. No 46º Festival de Gramado, que ocorreu entre os dias 17 e 25 de agosto de 2018, Carilissa marcou forte presença e de forma inédita 12 filmes foram exibidos com legenda descritiva e/ou audiodescrição.

A entrevista para a revista Fragmentum se deu integralmente por troca de e-mails. Os entrevistadores formularam as perguntas e disponibilizaram-se para realizar videochamadas em Libras no caso de dúvidas. Entretanto, o diálogo virtual se deu de forma muito bem-sucedida, não tendo sido necessária nenhuma interlocução além das perguntas. A escrita de Dall'Alba é absolutamente inteligível, rica em sentidos, preñbe de possibilidades em seu “conteúdo” e também em sua forma. Um exemplo dessa polissemia produtiva, que leva a efeitos identitários, comunitários, de agregação, é o modo como a primeira pessoa do plural surge na escrita: “nós surdos”, em vez de “nós, surdos”. Ao não inserirmos a vírgula normativa nesse caso, permitimos uma abertura semântica. Por esses motivos, os entrevistadores decidiram por manter boa parte dos traços da singularidade da escrita de Carilissa e, quando necessário, incluir palavras, sinais e esclarecimentos entre colchetes. Entendemos se tratar de uma produção autônoma e proficiente em uma língua não materna, fruto de décadas de escolarização bem-feita e educação, em seus diversos sentidos, aberta à pluralidade de línguas. Uma tentativa forçada de padronizar o texto aqui seria negativa: a modalidade escrita da língua vernácula está aberta a esse tipo de entrada de falantes de línguas que funcionam em materialidades não orais. A seguir, um belo e fluente texto em Português também como língua do sujeito surdo.

ENTREVISTA COM CARLISSA DALL'ALBA

Conte-nos um pouco sobre sua trajetória educacional e da militância na comunidade surda.

Eu nasci surda devida de rubéola da mãe. Nasci prematura, de oito meses. Fiquei 16 dias na incubadora no hospital, meus pais procuravam em mim se havia alguma coisa diferente, pois sabiam que eu poderia nascer com alguma deficiência, pois a rubéola foi violenta durante a gravidez da minha mãe e os médicos cogitaram que o aborto seria melhor. Meus pais, no carro saindo do hospital, uma quadra depois do hospital, o meu pai ouviu a mãe dizer que não iria interromper a gravidez e que iria até o fim, era o que o meu pai queria ouvir. Toda vez que escrevo isso me arrepio, eu tenho a família dos sonhos de pessoas surdas. Aos 16 dias de vida, em casa pela primeira vez, o meu pai bateu panelas e portas para ver se eu escutava, eu seguia dormindo; aí, a partir dos meus 16 dias, meus pais foram atrás das tecnologias para eu poder “escutar”. Sou a única surda da família. Meus pais ouviram que havia um “papa da surdez” em São Paulo e foram para lá comigo. Somos de Caxias do Sul/RS. Depois de sermos atendidos pelo “papa”, em São Paulo, os meus pais ficaram decepcionados com o “papa” que só disse aos meus pais que um aparelho iria resolver a minha surdez. Se havia aparelhos auditivos no Rio Grande do Sul, por que a gente precisou ir até São Paulo? Com ajuda da saudosa tia Lídia, que era professora, eles encontraram a escola de surdos quando eu tinha oito meses de idade. Eu só engatinhava e era usuária de aparelhos pesados, que ficavam entre meus ouvidos e peito. Sou a aluna mais bebê que a Escola Helen Keller teve até hoje. Na escola, trabalhava pelo método de comunicação total, e o bilinguismo estava apenas começando. Entrei na escola aos 8 meses de idade, em 1986. Nasci em 27 de junho, mesmo dia da Helen Keller, mesmo nome da minha escola, o meu berço linguístico. A minha trajetória escolar começou aos meus oito meses de idade, tenho muito orgulho disso. Fiquei na escola Helen Keller até aos 17 anos como aluna. Anos depois retornei como professora de Português no ensino médio. Fui uma aluna muito vivaz, esperta, curiosa e líder, fui muito elogiada pelos professores por ter uma família que me estimulou muito em casa. Toda minha família sabe Libras,

não são fluentes, mas sabem mais que o básico. Fiz nove anos de terapia de fala, falava normal com minha família, até que um dia eu levei meus amigos para minha casa. Eu tinha seis anos, meus pais ficaram apavorados... ver meus amigos só sinalizando, aí foram aprender Libras na escola com minhas irmãs. Lembro muito bem que eu não sabia o sinal de banheiro; minhas irmãs me mostram o sinal, elas aprenderam na escola. Sou [a] caçula da família. Eu, aos seis anos, tive o primeiro professor surdo, nessa idade eu ganhei o meu sinal de batismo, que é na testa, por causa da franja. Antes de ter o professor surdo, só tinha professoras ouvintes que usavam o método de comunicação total, fala verbalmente com Libras. O modelo de liderança eu tive dos meus pais, eles, ouvintes sempre queriam o melhor à escola: a minha mãe foi fundadora do Clube das Mães da Escola Helen Keller e meu pai presidente do Conselho de Pais e Mestres da escola. Eu fiz parte por muitos anos da diretoria do Grêmio Estudantil da escola e muitas vezes [também estive] no Conselho Escolar. Meus pais me deixavam na Sociedade dos Surdos de Caxias do Sul (SSCS) nos sábados, era [a] única surda criança que participava na SSCS, e ficava lá todas as tardes de sábado com surdos adultos e idosos. Eles cuidavam de mim e ficavam admirados com a minha fluência no Português, aos nove anos, lia cartas aos surdos da diretoria da SSCS e depois comecei a fazer parte da diretoria da SSCS por alguns anos. A minha liderança foi se constituindo na escola e na sociedade espelhando o modelo dos meus pais líderes. Toda minha família é ouvinte, eles fizeram a diferença comigo, me fizeram ler muitas coisas e me pediam [para] explicar tudo para eles, o que eu entendia nas leituras. Recebi muitos estímulos de leituras e de escrita em casa, dos meus pais e das minhas duas irmãs mais velhas. Isso eu devo muito a eles. Tive muita asma, muita mesmo, e tinha que ser internada muitas vezes no hospital. Meus pais não queriam que eu fosse prejudicada na escola e pediam sempre que as professoras fossem ao hospital me dar atividades. Meus pais me enchiam de gibis e livros. Para eles, a leitura é vida, e hoje sigo lendo muito, escrevo demais e gosto muito do mundo de escrita. É de lamentar ver pouquíssimos surdos que gostam de ler e escrever. Não tenho uma fala perfeita, mas a escrita me completa, me deixa totalmente independente. Ao terminar o ensino fundamental, aos quatorze anos, fiquei apavorada por não ter ensino médio na escola Helen Keller, aí fiz um movimento ao governador para implantar o ensino médio. O movimento foi meu com meus colegas e dos pais, éramos cinco colegas desde infância e conseguimos o ensino médio em 2000. Fiquei um ano sem estudar, foi o pior ano para mim, me sentia órfã e não queria estudar na escola de ouvintes. No ensino médio comecei a organizar viagens e

eventos, liderança minha seguia crescendo. Aos 17 anos, fiz vestibular para Geografia e História, estudei por uns quatros semestres, aí surgiu o Letras – Libras, primeira turma, lá em 2006, promovida pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), mas o polo foi na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e fiz só Letras – Libras como graduação. Faço parte da primeira turma, foram 4 anos de muitas novidades da área de Libras, curso de graduação pioneiro da América Latina. Antes de me formar, eu fui aprovada para mestrado em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), orientada pela professora Dra. Márcia Lunardi-Lazzarin. A dissertação de mestrado é sobre negociação de cultura surda no movimento surdo. Em 2014, fui aprovada no concurso para docente de Libras do Centro de Educação da UFSM. Antes, trabalhei na Escola Helen Keller, nas universidades particulares e também fui professora temporária do Instituto Federal de Educação do Rio Grande do Sul por dois anos. Em 2016, comecei o doutorado em linguística na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) com orientação da professora Dra. Marianne Stumpf. Em 2020, vou defender a tese. Consegui quatro anos de afastamento para os estudos. Falam que tenho família dos sonhos, eu concordo, modéstia à parte, tenho família ouvinte que sabe Libras e que aceita muito bem o meu casamento igualitário. E tenho uma filha ouvinte maravilhosa que sabe muito Libras, e na escola da minha filha sempre colocam intérprete de Libras para mim nas reuniões, eventos e apresentações. Minha esposa surda, a Helenne, brinca que tem inveja da minha família, pois a família dela não sabe Libras e nunca a colocaram nas escolas de surdos, e sofreu muito na “inclusão” – uso entre aspas porque, de fato, não era uma escola inclusiva. E tenho a irmã do meio, a Carisa, que é professora de Português do ensino médio da Escola Helen Keller, professora de surdos.

Na militância eu comecei bem cedo, vendo meus pais líderes nos projetos da Escola Helen Keller. Fui da diretoria do Grêmio Estudantil e da Sociedade dos Surdos de Caxias do Sul. Aos 16 anos conheci a campanha “Legenda para Quem Não Ouve, Mas Se Emociona”, que luta pelas legendas nos cinemas. A campanha segue até hoje. Foi idealizada pelo Marcelo Pedrosa, de Recife. Como eu sempre gostei de filmes, minha família sempre traduzia e nunca me excluiu. Com meus 11 anos de idade, a minha irmã mais velha, a Carina, me levou para assistir o filme *101 Dálmatas* no cinema, foi o primeiro filme legendado. Os meus olhos só brilhavam e fiquei tão encantada com filme que eu entendi tudo sem precisar da tradução da família, mas depois só tive decepções nos outros filmes, [tanto] que me deu gás para batalhar pelas legendas à comunidade surda. Depois fui ao

cinema com minha prima Andreissa para assistir o filme da Xuxa. Para minha tristeza, o filme era dublado e a minha prima de lado traduzindo tudo, tínhamos uns 12 anos de idade. Quando não existiam legendas nas televisões, minha família se revezava para traduzir para mim o que se passava na televisão. Eu fui uma criança muito curiosa, queria saber de tudo e a minha família sempre me deixava dentro. Pedi a permissão do Marcelo Pedrosa para movimentar a campanha aqui no Rio Grande do Sul e consegui fazer a campanha ser conhecida, é aqui que movimenta mais do Brasil.

Com filha ouvinte, [isso] me fez também estar na liderança dos pais surdos e empoderar os pais surdos. Pois muitos pais surdos deixam os filhos para avós cuidarem porque acham que por serem surdos são incapazes. E explico aos pais surdos que não devem fazer os filhos ouvintes serem intérpretes, desta forma estarão fazendo os filhos serem responsáveis por eles muito cedo, tirando a infância dos filhos ouvintes. Não permito a minha filha atender meus telefonemas, não permito as pessoas perguntarem para ela por mim, ela é minha filha e eu sou responsável por ela. Se eu preciso de intérprete, eu procuro. As pessoas ouvintes devem se dirigir a mim para tirar dúvidas, não a minha filha. Hoje a minha filha Sofia tem dez anos de idade, já está acostumada com isso; se alguém ouvinte pergunta para ela, ela manda perguntarem para mim. Sou membro da comissão da organização dos eventos de CodaKids (crianças ouvintes filhas de pais surdos), que acontece sempre em janeiro na Colônia de Férias da Sociedade dos Surdos de Rio Grande do Sul, em Capão da Canoa/RS. De certa forma, hoje tem mais pais surdos que cuidam dos filhos, pois hoje podemos encontrar mais surdos com maiores instruções do que antigamente, antigamente era bem raro ver pais surdos criando filhos ouvintes sozinhos. O olhar das famílias mudou também, e [agora] acreditam mais na capacidade dos pais surdos para a criação dos filhos. No parto da minha filha, tive minha irmã enfermeira comigo, sei o quanto foi importante e hoje estou tentando reunir um movimento na área de saúde para garantir uma acessibilidade aos pais surdos nos hospitais; é um direito deles.

No dia 10 de outubro de 2018, eu recebi o título de cidadania emérita pela Câmara Municipal de Caxias do Sul, minha cidade natal. Foi uma homenagem muito linda, segundo os vereadores que estavam presentes na homenagem, foi a homenagem mais linda que tiveram nos 109 anos de Câmara. O motivo da homenagem foram os movimentos que eu milito e ativo. Não sou só uma militante, sou ativista também. Em diversos temas, entre eles surdos, Libras, Feminismo, LGBT, Proteção aos animais e entre outros temas relacionados com grupos minoritários.

Ser professora não foi meu sonho de infância, o meu sonho era ser enfermeira ou médica, porque ficava muito no hospital por causa das minhas crises de asma, na época não tinha muitos remédios como tem hoje, e [meu sonho era] ser jornalista também porque lia muito jornais. Mas acabei fazendo vestibular de História/Geografia pela facilidade no mercado de trabalho, e acabei me formando Letras – Libras; me tornei professora. Hoje sou feliz com a minha profissão que a vida me deu, [por]que a vida me empurrou para ser professora.

Você poderia contar sobre a história do movimento “Legenda para Quem Não Ouve, Mas Se Emociona” e sua atuação para promover a acessibilidade para surdos no cinema?

A campanha começou, em Recife/PE, pelo Marcelo Pedrosa, também surdo. Conheci a campanha por um colega do curso de instrutor que eu fiz em Porto Alegre e fiquei encantada com a campanha, aí decidi movimentar. Comecei a ter contato com autoridades do Festival de Cinema de Gramado para começar, em 2005. Nada foi fácil, porque quase todos os anos mudavam a equipe de organização do Festival de Cinema de Gramado. Eu tinha que explicar tudo de novo todos os anos. Pedia legendas nos filmes, pois o festival só exhibe filmes nacionais, justamente filmes do nosso país, e não temos acesso, nós surdos. Todos os anos fazíamos um pequeno evento só para surdos: o festival dava uma sala para [a] gente e só, e a gente chamava escolas de surdos para produzir vídeos e apresentar peças teatrais. Aos poucos, fui sendo conhecida pelo povo do festival e, em 2017, entrou uma nova diretoria, mais moderna e atualizada, aí finalmente a campanha foi ouvida e, em 2018, tivemos pela primeira vez legendas nos filmes das premiações no festival e intérprete de Libras na abertura do festival – que fui eu quem abriu o evento. Foi momento muito importante para nós surdos, pois fazia mais de 14 anos de luta e este ano a campanha completou 15 anos. Fizemos um evento de comemoração de 15 anos com apoio do festival e tivemos o Marcelo Pedrosa presente, no evento, fizemos um debate dos *youtubers* surdos e lotamos o auditório de 400 participantes. É uma infeliz história aos surdos aqui no Brasil: nem todos os cinemas colocam legendas nos filmes nacionais e desenhos animados, somos obrigados a esperar filmes no DVD. Sonho ver um festival acessível 100%, por enquanto são alguns filmes que são legendados e intérpretes de Libras na abertura. Quero ver 100% de filmes legendados. [É] Justo ver filme do Brasil legendado.

Organizo os eventos de Gramado com muita ajuda dos jovens surdos. Os jovens surdos são bem energéticos e me ajudam muito. Ano passado e este ano, tive grande ajuda do Fabiano Bertoluci, que esteve mais que [à] frente da organização. Além de ser encontros de luta, também promove lideranças: por exemplo, o Fabiano, que era aluno da escola Helen Keller e hoje aluno de Letras – Libras, já ajuda a promover eventos. E os alunos do ensino médio da Escola Helen Keller que estão na adolescência ajudaram muito a organizar o evento de Gramado deste ano, uma promoção de liderança a esses jovens, eu acho importante demais para estimular. Penso sempre que o movimento de legenda não é só meu, é de todos.

Em Caxias do Sul, minha cidade natal, eu lutei com o vereador Rafael Bueno para criar uma lei municipal de obrigação de legendas nos cinemas e intérprete de Libras nos teatros; conseguimos, depois de quase dois anos de luta, [a] lei número 516/2016. E agora, no fim do ano de 2019, conseguimos aprovar mais uma lei de legenda na cidade vizinha de Caxias do Sul, Bento Gonçalves, que é a segunda cidade a ter lei de legenda.

Nem tudo é de flores: mesmo tendo lei em Caxias do Sul eu encontro filmes legendados nos piores horários, nos horários de almoço ou fim de tarde (quase de noite). É horário de trabalho ou de crianças dormir.

Como foi a sua participação e de outros militantes surdos no Festival de Gramado em 2018?

Como disse, em 2017, entrou uma nova diretoria do Festival de Cinema de Gramado – o Edson Nespolo, que é meu conterrâneo e amigo do meu vereador Rafael Bueno; foi por intermediação do Rafael [que] eu conheci o Nespolo, [quem] deu todo apoio à campanha –, e, em 2018, a equipe do Nespolo promoveu pela primeira vez filmes legendados, os filmes premiados, e intérpretes de Libras na abertura; o evento de 2018 eu que abri com um discurso sobre a nossa luta pelas legendas que havia chegado aos 14 anos. Além da abertura, tivemos um evento na sala da Fundação [de Apoio] da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FAURGS), que sempre nos apoiou, [dessa vez] dando uma sala através do Fernando Gomes, o responsável pela FAURGS. O evento nosso foi uma tarde de apresentação de filmes feitos pelos surdos e mais umas peças de teatro. Neste evento de 2018, eu recebi notícia que eu ia receber título de cidadania de Caxias do Sul, minha cidade natal, pelas mãos do vereador Rafael Bueno. O Fabiano Bertoluci [foi] quem me ajudou a organizar o evento juntamente com minha

esposa, Helenne Sanderson, também surda. Estavam 300 participantes entre surdos e ouvintes, teve um surdocego e, pela primeira vez, tivemos guia-intérprete de Libras ao surdocego, outro aprendizado para nós. 2018 foi muito especial no Festival de Cinema de Gramado, até apareceu no Jornal Nacional (Globo). O Festival de Cinema de Gramado na rua coberta foi lindo demais e todos pararam para ver o meu discurso. E hoje posso afirmar que o festival de cinema de Gramado é o mais acessível do Brasil.

Como você vê o lugar dos surdos LGBTTS na comunidade surda? Quais são os desafios e formas de luta para reconhecimento dos surdos LGBTTS? Você recebe relatos de preconceitos e violência?

O espaço dos surdos LGBTTS ainda é recente, agora muitos assumem tranquilamente. Alguns têm conflitos com família, principalmente surdos trans que sofrem muito na família, no trabalho e na sociedade. Nós, da comunidade, ajudamos muito surdos LGBTTS, mesmo não tendo muito conhecimento; o que nos salva é minoria. Recebo muitos relatos de violência dos surdos trans, sofrem o mesmo que as pessoas ouvintes trans sofrem. O desafio é o atendimento aos surdos LGBTTS na área de saúde e na área de trabalho. Sabemos que aqui no Brasil não há uma educação de qualidade aos surdos nas escolas, são poucas que são bilíngues para surdos e muitos surdos acabam não sabendo das doenças que podem ser transmitidas sexualmente, e nos médicos [há] falta de acessibilidade, muitos não sabem como atender os surdos, isso é para todos os surdos, não somente os homossexuais.

Muitos surdos homossexuais não sabem dos direitos que [a] eles são garantidos, muitos pensam no pior, e precisamos esclarecer para eles que existem leis que acobertam as pessoas LGBTTS. Uma vez, um surdo homossexual me disse que não assume a sua sexualidade porque pode ser demitido na empresa que ele trabalha, e eu garanti que a empresa não pode fazer isso, se a empresa demitir por causa da sexualidade sofrerá um processo judicial. E também uma surda me disse que não assume o namoro igualitário por medo de perder a guarda da filha, eu mostrei as leis e deixei ela segura. É tanta informação que os surdos homossexuais não sabem e precisamos mostrar os direitos deles. Precisamos empoderar os surdos homossexuais; imagine: já é difícil empoderar os surdos.

As pessoas me perguntam se eu sofro mais por estar casada com uma mulher ou por ser surda. Sempre digo que por ser surda que eu sofro mais. Ser surda é mais complicado para a sociedade em geral, são milhares de

pessoas que não sabem Libras ou não sabem como atender pessoas surdas. Já [sobre] estar casada com uma mulher: a Comunidade Surda me recebe muito bem e me respeita, somos da minoria linguística; a comunidade surda acolhe qualquer surdo, não importando os rótulos. De certa forma, já estão habituados a lidar com exclusão e preconceito, por isso tratam todos [os] surdos de forma não preconceituosa. Entre mulher, homossexual e surda. Eu me vejo mais como vítima sendo mulher surda. A sociedade é patriarcal demais, e muito machista. Apesar de o Brasil ser um país com muitas mortes de pessoas homossexuais, eu não sofro diretamente com a minha pessoa pela questão de estar casada com mulher, do mesmo meu sexo.

Como você percebe o lugar do surdo na Academia, na Universidade? Quais são as dificuldades e avanços em relação ao reconhecimento da pessoa surda enquanto protagonista na produção de saberes acadêmicos? Pode relatar sobre sua pesquisa de doutorado na UFSC?

A minha pesquisa de doutorado é sobre a Historicidade do Ensino de Libras da Escola Helen Keller, o meu berço linguístico, onde fui aluna e professora. A escola tem quase 60 anos de fundação, passou por três métodos de ensino: primeiro o oralismo e depois a comunicação total, e, no final dos anos 1980, a escola começou a trabalhar com o método bilíngue. A escola é de grande referência nacional pelo ensino de qualidade aos alunos surdos. Fui aluna desta escola, recebi o ensino de qualidade. Nem tudo é perfeito, a escola teve/tem alguns pontos negativos, mas nada abala.

A maior dificuldade dos surdos na vida acadêmica é a falta de acessibilidade e compreensão dos professores. Eu mesma, sendo aluna de doutorado numa universidade que promoveu o Letras – Libras, tive grande dificuldade de realizar uma prova em Português da disciplina Sociolinguística. Foi um baque, pois tinha muitas coisas dos ouvintes, tipo as falas, sotaques e enunciados. Pedi para os professores desta disciplina permitir[em] intérpretes [para] traduzir umas questões da prova e não deixaram, eu e uns colegas surdos tivemos que entrar com recurso na secretaria, foi um momento tenso.

Eventos acadêmicos não aprovam trabalhos dos acadêmicos surdos por causa da Língua Portuguesa, e os surdos acabam sendo carentes na área de publicações de artigos. Eu tenho artigos publicados porque eu escrevo primeiro e pago uma revisão para que os meus artigos possam estar mais [normatizados] academicamente. É uma batalha. E alguns eventos não

querem gastar com serviços de intérpretes e complicam a acessibilidade, desrespeito. Tudo isso recua o protagonismo surdo nas universidades. Só que na Universidade Federal de Santa Catarina eu posso dizer que é a universidade que oferece mais protagonismo aos alunos surdos por causa do Letras – Libras, que oferece facilidade nas atividades. [N]Os eventos relacionados com Letras – Libras os alunos podem mandar artigos em Libras sem se preocupar com a Língua Portuguesa.

Aos poucos, os eventos vêm aceitando oferecer os espaços aos surdos, por exemplo, a Universidade Federal de Santa Maria, onde eu sou docente, está se adaptando: os eventos com artigos em Libras e as informações em Libras nos eventos. E também grupos de trabalhos somente para área de Libras e de Estudos Surdos estão crescendo.

Você pode relatar como as universidades têm lidado com o uso da(s) língua(s) de sinais em sala de aula, nos setores administrativos etc.? Houve efetivo progresso nesse sentido?

Eu fiz mestrado na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) de 2011 a 2013, sempre tive intérpretes de Libras nas salas de aulas. Mas raramente eu tinha duas intérpretes no revezamento. Noto progresso sim, pois hoje a UFSM coloca duas intérpretes nas salas de aulas para os alunos da graduação e pós-graduação, apesar da carência do quadro de intérpretes, que precisa de mais intérpretes ainda.

Hoje podemos encontrar professores surdos nas universidades, os surdos conquistando os espaços. Eles colaboram com uma ampliação do uso de Libras em diversos lugares das universidades, nas salas de aulas, nas reuniões e nos setores administrativos.

Muitas universidades ainda não compreendem o motivo de oferecer proficiência especial aos alunos surdos de pós-graduação. Muitos surdos têm que recorrer nas outras universidades para poder conseguir proficiência para preencher o requisito. No meu mestrado na UFSM, tive que fazer proficiência na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), eu não passei [em] três provas de proficiência em inglês na UFSM e tive que ir na UFSC para realizar a proficiência e fui aprovada, porque na UFSC oferece prova especial aos surdos.

Nos últimos anos, o sujeito surdo tem ganhado visibilidade no cenário

brasileiro, principalmente por meio do discurso político. Essa visibilidade foi convertida em políticas públicas efetivas para a melhor qualidade de vida do sujeito surdo, sobretudo no último ano? Se puder, fale um pouco da ameaça que o fim da TV Escola representa para a comunidade.

A visibilidade dos surdos no Brasil pode ter aumentado, mas não vejo isso como um ganho, pois não colaborou em um enriquecimento à área de educação de surdos, pois eu acho que aumentaram os cursos de Libras de péssima qualidade, qualquer um está ensinando Libras por causa da visibilidade que tivemos em 2019. Noto que o assistencialismo está voltando com toda força, a sociedade está vendo os surdos como coitados, ou seja, deficientes. Falta dar visibilidade ao enriquecimento linguístico e levar tudo isso a sério, não são apenas os cursos de Libras que vão salvar os surdos no Brasil. Precisamos de respeito, valorização e nos olhar [sermos vistos] como diferença cultural e linguística. Eu surda não noto melhoria de vida, está na mesma.

Lamentável o fim da TV Escola, um canal educativo aberto ao povo brasileiro, um projeto que deu certo por mais de 20 anos, que cumpria importantes funções sociais e muito úteis. Eu usei muitos vídeos da TV Escola com meus alunos e sei o quanto era importante esse canal, infelizmente está acabando. A TV Escola é um direito do povo brasileiro ao acesso de notícias importantes e bem educativo. Estou preocupada com a TV INES, que é muito importante aos surdos, pois as reportagens da TV INES fazem muita diferença à comunidade surda, uma riqueza de informações!

Que movimentos sociais protagonizados por surdos você considera importantes no atual cenário, em que têm predominado tanto discurso e ações de ódio contra grupos minorizados? Como esses movimentos sociais podem promover uma maior inserção dos surdos na sociedade ouvinte?

Tenho 34 anos de idade e estou sentindo certa polarização nos movimentos surdos nos dias atuais. Em 2011, tivemos o maior movimento surdo brasileiro na história, que foi em Brasília, com 4 mil pessoas, liderado pela professora Dra. Patrícia Rezende Ferreira-Curione. Ela soube organizar com todo Brasil, colocando todos [os] surdos para movimentar e escolheu surdos líderes para promover encontros e organizar a viagem à Brasília.

Eu fui líder do Rio Grande do Sul e consegui levar um grupo de surdos à Brasília. Foi uma manifestação linda e pacífica – todos os surdos unidos pelo mesmo motivo: A Escola Bilíngue para Surdos. Esse movimento se deu por conta das ameaças da secretária de educação especial dizer que a cultura surda não existe. E hoje a comunidade surda sofre polarização por causa da última eleição presidencial do Brasil, que provocou discursos de ódio. É muito triste.

Quanto [a]os discursos de ódio por sermos do grupo minoritário, ou seja, da minoria linguística, só nos fortaleceram a lutar pelos nossos direitos e não houve polarização como temos hoje. Acredito que é necessário passar as informações corretas sobre sujeitos surdos e Libras aos ouvintes, para que eles possam colaborar e estar com a gente nas lutas, eu não vejo preconceito, [mas] sim a falta de informação nessas pessoas ouvintes que criam discursos de ódio sem ter algum conhecimento sobre surdos. Agora, ouvintes que querem ser protagonistas das lutas surdas não é correto, é necessário sentir na pele as dores das pessoas surdas no cotidiano. É a mesma coisa eu branca tentar ser líder de um movimento das pessoas negras, eu jamais tentaria ser líder do movimento das pessoas negras, o que eu posso fazer é colaborar e simpatizar, mas não estar à frente.

Somos 5% da população brasileira e é impossível ter nossos movimentos maiores do que dos ouvintes, o que podemos fazer é inserir os surdos nos movimentos sociais e chamar a atenção das pessoas ouvintes às nossas necessidades. Por exemplo, eu sou feminista e são poucas surdas que fazem parte do movimento feminista, [então] criamos um grupo de feministas surdas para informações úteis sobre o feminismo; quando tem movimentos feministas nas ruas ou encontros, a gente vai. A gente consegue conversar com os responsáveis dos movimentos para separarem um espaço especial a nós surdas e nos unimos. Chamamos atenção nisso, por exemplo, mulheres ouvintes ficam felizes que têm surdas feministas e nos dão palestras com temas da área do feminismo. Recentemente, fui a uma palestra sobre tipos de violências que as mulheres sofrem e adorei aprender e me empoderar mais para poder ajudar mulheres surdas depois. No nosso grupo de feministas tem ouvintes também, ouvintes que são intérpretes. Por duas vezes, eu tive que ir à delegacia com duas surdas da minha cidade que sofreram violências em casa, uma pelo pai e outra pelo marido também surdo, foi bem difícil porque não tivemos intérpretes e eu tinha que escrever tudo no papel para ocorrência. Falta acessibilidade nos órgãos públicos. Essas duas surdas me chamaram porque me identificam como mulher líder e me confiaram. Sou feminista por causa do meu pai, que é um homem pró-feminista – nunca

agiu papel machista em casa que só tem mulheres, de homem só ele – que sempre me mostrou que eu como mulher posso alcançar tudo o que eu quiser. Eu ficava bem brava quando via minhas amigas serem vítimas de machismo e me vi como feminista. O mesmo acontece com os movimentos LGBTTS, negros, índios e outros movimentos sociais, os surdos podem ser inseridos.

Você pensa que o avanço das tecnologias digitais contribuiu para a fluência do sujeito surdo em várias línguas e linguagens? Qual o papel das redes sociais na comunidade surda?

Certamente só avançou. Além da fluência aos surdos, o empoderamento fluiu bastante e a independência também. As redes sociais, por um lado, deram a liberdade aos surdos produzirem seus trabalhos e mostrar os seus talentos. Certamente, há negociação da cultura surda nas redes sociais, os surdos promovem vários eventos através das redes sociais. Vale relembrar o movimento de Brasília do ano de 2011, que levou 4 mil pessoas. Em apenas 45 dias de organização, conseguimos levar mais de 4 mil pessoas para o movimento pelas escolas bilíngues para surdos na capital federal.

Hoje temos vários *youtubers* surdos famosos que rodam nas redes sociais, professores surdos e ouvintes usam os vídeos dos *youtubers* surdos nas aulas porque, muitas vezes, os vídeos são bem educativos e interessantes para as aulas. Esses dias vi que uma professora de Libras mostrou um vídeo na sua aula sobre a Segunda Guerra Mundial que o *youtuber* surdo de Goiás, o Roberto Castejon, produziu. De certa forma, os vídeos produzidos pelos *youtubers* surdos contribuem para as aulas. As redes sociais estão presentes até nas aulas, é impossível excluir. Além dos *youtubers* surdos brasileiros, temos os *youtubers* surdos estrangeiros que os surdos brasileiros adoram acessar e aprendem muito com eles as línguas de sinais. Além das línguas de sinais, aprendem também culturas diferentes. A linguagem dos surdos na visualidade é bem maior do que escrita, por isso as redes sociais fazem parte das experiências visuais dos surdos.

Você considera possível um sujeito surdo identificado com a Libras ter uma relação afetiva com a Língua Portuguesa escrita, gostar de ler e escrever nessa língua?

É sim possível, porém raro. São bem poucos os surdos que dão importância à Língua Portuguesa escrita e muitos não gostam de ler, mas eles não têm culpa. Muitos são usuários de Libras como primeira língua, muitas escolas não estimulam alunos surdos a terem um aprendizado maior na segunda língua e acabam não sendo fluentes na escrita. Eu aprendi Língua Portuguesa em casa. Na minha turma, tinha 5 surdos, só eu que sou fluente na escrita e sou boa leitora em diversos temas. Quando eu era pequena, na escola, o professor surdo falava para todos que ser fluente em Libras bastava, mas para mim não. Olha aqui eu escrevendo sozinha. Uma liberdade gostosa e [que] me torna bem independente. Encontrar uma saída para surdos serem fluentes na escrita é bem complexo, digo complexo nas escolas de surdos. Pois os surdos que eu conheço que escrevem bem foram estimulados pelas famílias.

A proposta deste número da revista *Fragmentum* é “Gestos de resistência das/nas línguas de sinais”. O que você considera como gestos de resistência dentro da comunidade surda e na sociedade, de forma mais abrangente?

Sabemos que a resistência surda já foi mais forte. Políticas públicas estão fechando as escolas de surdos, e professores surdos [estão] saindo das escolas para trabalharem nas universidades por causa dos salários maiores. As escolas que sofrem mais, e as políticas públicas desvalorizam e se importam com os números, não importando se a escola tem somente 2 alunos surdos. Para eles importa o preço.

Os gestos de resistência das/nas línguas de sinais, hoje em dia, podemos encontrar na diversidade, hoje são muitos movimentos sociais e são vários surdos em diversos espaços, muito legal isso, porque antigamente os surdos eram excluídos. Os gestos de resistência acabam promovendo os surdos em diversos espaços e empoderando eles nos movimentos de LGBTTS, negros, feministas, políticos e entre outros temas dos movimentos surdos que acabam inserindo os surdos através dos gestos da resistência com base na língua de sinais, isso de forma bem mais abrangente. Os surdos estão incluídos em diversos espaços através da língua de sinais. Recentemente, no futebol brasileiro, no time Flamengo, os surdos ganharam espaço com intérprete de Libras e nos carnavais também. Aos poucos, os gestos de resistência aumentam através da língua de sinais.